

# Dotiguan

Ano 1 N° 07

Agosto/Setembro 98



**XICO SANTEIRO**  
**MESTRE DA ARTE POPULAR**



# Cartas

**João Emerenciano, muito prazer.**

*É muito prazer mesmo, porque recebi um presentão envelopado, que me encantou na semana passada. O Potiguar me maravilhou e já estou divulgando o seu trabalho. Estou curioso é em saber como me descobriu aqui tão longe. Não importa muito, o que vale é existir publicações como a sua em que História e histórias estão juntas num trabalho limpo, sem modernismos e que mostra Natal e seu historiador. Espero contar sempre com um O Potiguar na cabeceira.*

*Não noticiei nada no número de Oxente que está, seguindo com esta, porque chegou em cima da hora de fechar a edição. Vou falar do seu trabalho na edição de outubro, que espero estar ainda mais recheada de Cascudo. Tomei a liberdade de enviar o endereço seu para dois correspondentes que vão adorar as surpresas. Também vou mandar o endereço para o pessoal do Museu de Folclore, no Rio, que está organizando uma temporada cascudiana a partir deste mês (dia 22) até novembro. Vocês, em Natal, irão ver a exposição de Câmara Cascudo em novembro, já que ela fica no Rio até outubro.*

*Em tempo, gostaria que me informasse mais sobre O Potiguar, como surgiu a idéia e como está sendo recebido aí. Também é distribuído como e onde. Alguém de outro estado pode receber os números? Você publica em dois números uma página de quadrinhos, mas não sei de onde tirou, os autores. Que HQ são essas? Se puder me escreva mais sobre seu trabalho, que achei excelente. Você recuperou a História de Natal e seus maiores nomes ou personagens. Esse trabalho merece parabéns. Seu endereço já foi, mesmo sem autorização, para Pernambuco e Petrópolis. São dois interessados que também vão gostar do trabalho.*

*Agora outro pedido: passe meu endereço para quem quiser se corresponder, historiadores, artistas, artistas populares, notícia o que acontece no Nordeste, mas fica difícil divulgar sem ter informação. A maior parte consigo através de jornais daí, mas perco muita coisa.*

**Atenciosamente, e muito grato pelo presente,  
Luiz Cláudio Sandy Gadelha  
Rua Simplicio de Sá, 229 – Jacarepaguá – RJ.**

RIO GRANDE DO NORTE  
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

PRIMEIRA SECRETARIA  
Ofício nº 319/98 – Sec./Ext.

Natal, 14 de julho de 1998

Senhor Editor,

Cumprimentando-o, honra-me comunicar-lhe que esta Casa Legislativa aprovou requerimento nº 2.735/98, constante no processo nº 622/98 – PL/SL, de iniciativa do Deputado VALÉRIO MESQUITA, manifestando Moção de Aplauso pela publicação do jornal “O Potiguar”.

Sem mais para o momento, apresento votos de alta estima e apreço.

**Deputado GETÚLIO RÊGO  
1º Secretário**

São Paulo, 09 de julho de 1998

*Caro amigo Moura Neto, saudações! Através do jornal de Natal soube do seu “O Potiguar”, e por isso escrevo-lhe na esperança de divulgação do meu poema abaixo e/ ou do lado!*

*Fico muito grato.*

*Ao aguardo deixo o meu forte abraço,*

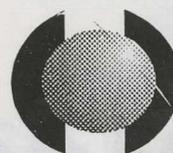
**Marcelino Rodrigues de Pontes**

## EXPEDIENTE

Diretor	Programação Visual
-João Gothardo D. Emerenciano	-Arandi Sales
Editor	Gerente comercial
-Moura Neto	-Carlos Frederico da Câmara
Revisão	Impressão
João Gothardo D. Emerenciano	-Gráfica Nordeste.
-Giuliano Emerenciano Ginani	

O Potiguar

Avenida Prudente de Moraes, 625 - Tirol - Natal/RN - CEP: 59 020 - 400



HIPÓCRATES  
COLÉGIO E CURSO

**1999-Ano do Quatrocenário da  
Cidade do Natal**

Rua Jundiá, 421 - Tel.: (084) 222-4367  
Natal - Rio Grande do Norte

## A cultura popular no RN

As nossas manifestações folclóricas, estão ligadas originalmente aos ciclos festivos e as tradições religiosas, heranças de nossos colonizadores. É muito claro, nota-se a presença de elementos das três raças formadoras em nossa cultura tradicional. Entretanto, há uma supremacia do elemento branco, nosso colonizador.

As manifestações folclóricas do RN, apresentam características simples e variadas possibilitando uma visão geral da riqueza que é o folclore do nosso Estado.

As nossas pesquisas de campo e bibliográfica tem nos possibilitado uma visão ampla deste estudo que vai de Luís da Câmara Cascudo passando por Veríssimo de Melo até Deífilo Gurgel.

O Rio Grande do Norte é um dos mais ricos Estados do



Ilustração: Newton Navarro

Brasil, em matéria de cultura tradicional, pois é o único que mantém os quatro grandes autos populares: boi, fandango, chegança e gongos; sem falar em pastoril, lapinha e caboclinhos. Mantemos a tradição dos ciclos religiosos, como: os espontões, dança de São Gonçalo, bandeirinhas e as danças de roda (bambelô e pau-furado, coco de Zambê).

O pesquisador Mário de Andrade quando aqui esteve, fim de 28 e início de 29, a convite de Luís da Câmara Cascudo, fez um estudo sistematizado das nossas

manifestações, reconhecendo o seu valor cultural, dedicando páginas e páginas em seus livros, artigos de jornais e rodapé, entusiasmado com a riqueza que aqui encontrou. No meio de tudo isso, seu maior encantamento foi o encontro com o coquista Chico Antônio, no engenho Bom Jardim. Ao escutar suas emboladas

atenciosamente com lágrimas nos olhos: Ai seu dotô

Quando chegá em sua terra  
Vá dizê que Chico Antônio  
É danado prá embolar!

Oh - li - li - li - ô!

Boi tungão

Boi do maiorá

“Estou divinizado por uma das comoções mais formidáveis de minha vida”. Teria sentenciado o gênio da semana de arte moderna do Brasil.

*Prof. Severino Vicente*

*2º Secretário da Comissão  
Norte Rio-grandense do Folclore*



### HOTEL SOL NATAL

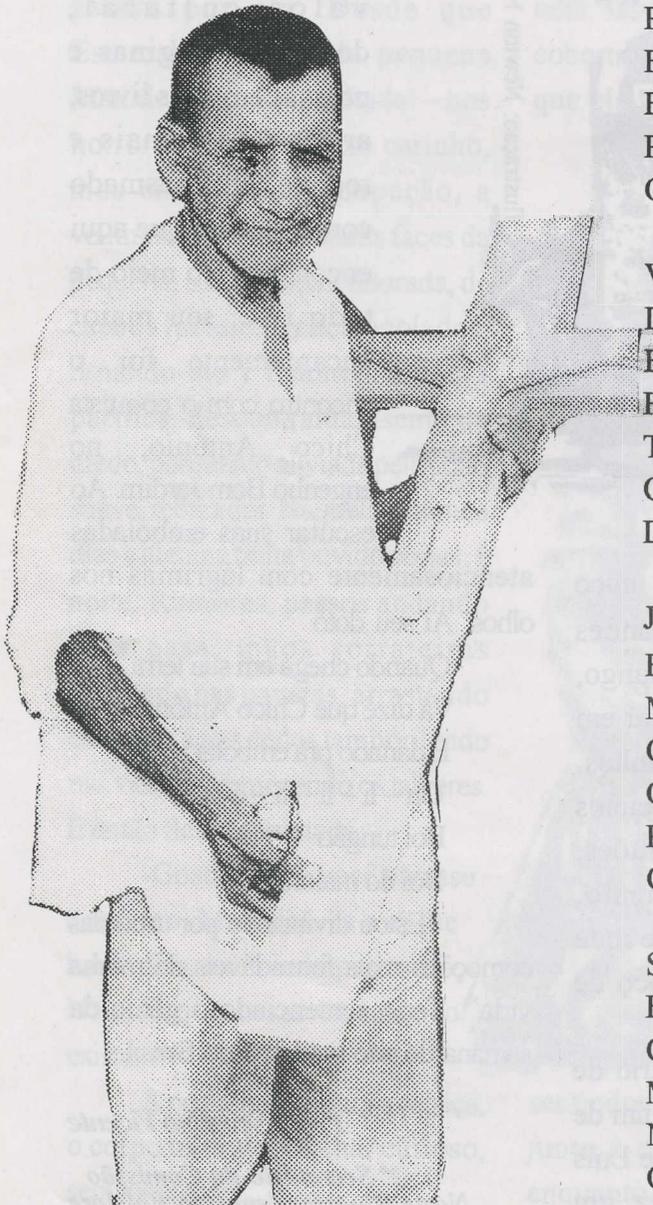
- ★ Localização central e a poucos minutos das praias.
- ★ Café da manhã regional
- ★ Andar para não fumantes.
- ★ Salão na cobertura com vista para o rio potengi e dunas do litoral
- ★ 54 aptos. Panorâmicos com ar condicionado, TV, frigobar e outras comodidades.
- ★ Aceitamos cartões de crédito.

R\$ 17,50 preço por pessoa em apartamento duplo

Rua Heitor Carrilho, 107 - Centro - PABX: (084) 211-1154  
-TLX: (84.2464) - FAX: (084) 221-1157-Natal-Brasil

# A VIDA E OBRA DE XICO SANTEIRO, GLÓRIA DA NOSSA ARTE POPULAR

*Autora: Clotilde Tavares*



Neste momento importante  
Peço a todos atenção  
Pra celebrar um artista  
Famoso em toda a nação  
E pra louvar com beleza  
Peço ao Pai da Natureza  
Que me dê inspiração.

Vou falar com correção  
De um artista verdadeiro  
Foi um mestre em escultura  
Retratando em corpo inteiro  
Toda a beleza que encerra  
Os tipos de nossa terra  
Deste Nordeste altaneiro.

Joaquim Manoel de Oliveira  
Era o nome verdadeiro  
Mas ele tinha um amigo  
O Doutor Paulo Viveiro  
Que lhe deu esse apelido  
Pelo qual ficou conhecido  
O nosso Xico Santeiro.

Seu pai casou-se três vezes  
E da segunda união  
Com a senhora Idalina  
Maria da Conceição  
Nasceu esse grande artista  
O famoso retratista  
Dos tipos do meu sertão.

Nasceu em Salto da Onça  
Bem pertinho de Natal  
No dia oito de junho  
Começou seu ideal  
Noventa e oito era o ano  
Afirmo sem ter engano  
Alegrou muito o casal.

O velho Manoel Francisco  
O pai de Xico Santeiro  
Sabia ajeitar imagem  
Era artista carpinteiro  
Trabalhava de escultor  
Tinha da arte o pendor  
Pra dar a Xico o roteiro.

Xico tinha mais dois tios  
Por Tico e Rosa chamados  
No entalhar da madeira  
Eram mestres afamados  
E ainda tinha um irmão  
Conhecido por nome João  
Era um dos mais procurados.

Sua primeira escultura  
Fez com dez anos de idade  
Xico entalhou um São João  
Pra ir vender na cidade  
O seu pai acompanhando  
Junto a ele viajando  
Seguindo a sua vontade.

FELIPE CAMARÃO,  
MORREU A 350 ANOS,  
NO DIA 24 DE  
AGOSTO.

Luís da Câmara Cascudo  
Folclorista e historiador



1898 - 1998

**VIAÇÃO  
CIDADE DAS  
DUNAS**



Se hospedaram numa casa Bem no meio do caminho A dona da casa tinha Um bonito cachorrinho Xico gostou do animal Era seu belo ideal Ser o dono do bichinho.	Foi nessa localidade Que aprendeu um instrumento Tocou trombone dez anos Com muito gosto e talento Tocou também bombardino Mostrando a velho e menino Que tinha merecimento.	Mas embora a sua arte Fosse muito admirada Nunca perdeu a humildade Nem se tornou deturpada Foi sempre bem genuína Verdadeira e nordestina Por todos elogiada.	Por muitos e muitos anos Viveu Xico trabalhando Cangaceiros e rendeiras De suas mãos desabrochando Mendigos e jangadeiros Beatos, cegos, vaqueiros Sempre o artista entalhando.
Propôs à dona da casa Uma troca assim fazer O santo pelo cachorro Sem nada a seu pai dizer O negócio foi fechado Xico ficou deslumbrado Por tão belo animal ter.	Morou em outras cidades Trabalhando de escultor No Rio Grande e Paraíba Demonstrou o seu valor O seu dom de estatuário Foi um grande imaginário Da glória merecedor.	Fez uma imagem pro Papa Recebeu sua benção Fez outra pra John Kennedy Quem recebeu foi o irmão Atendia a todo instante A freguesia importante Que batia em seu portão.	Com quase setenta anos Benquisto e conceituado Xico abateu-se doente Já estava velho e cansado Como era grave o seu mal Foi levado ao Hospital Ali ficou internado.
Mas o que é bom dura pouco Chegou o dono do cão Não gostou do tal negócio Sem sua autorização A espingarda engatilhou E aborrecido atirou No cachorro, sem razão.	No ano de trinta e dois Xico Santeiro casou Com Dona Maria Félix O seu verdadeiro amor Na cidade Goianinha Naquela linda igrejinha Seu destino assim selou.	Suas peças mais famosas São Cristos e Lampeões Vivem através dos anos Atravessam gerações Detalhes admirando Cada vez mais exaltando Suas belas criações.	Os amigos se informaram Do triste acontecimento Lhe deram toda a assistência Não faltou medicamento Mas nada deu resultado Seu mal era adiantado E deu-se o falecimento.
Xico ficou muito triste Ao pai foi pedir socorro E o velho disse: Meu filho Dessa doença eu não morro De você eu não sou sócio Saiba que não é negócio Trocar santo por cachorro.	Viram nascer nove filhos Da sua santa união Três morreram em tenra idade Os outros vivos estão Todos entalham madeira Dessa arte verdadeira Herdaram do pai a mão.	As figuras nordestinas Nosso povo retratando Xico fez milhares delas A todos sempre agradando Todos os nossos museus Têm muitos trabalhos seus E o povo admirando.	Primeiro de fevereiro Ano de sessenta e seis Xico Santeiro morria Deixando a vida de vez Por todos foi pranteado Seu enterro acompanhado Pelos amigos que fez.
Bem menino, em João Pessoa Xico já talhava imagem De Santo Antônio e Onofre Trabalhava com coragem Quando o velho pai cegou A família ele ajudou Nessa inditosa passagem.	Durante mais de vinte anos Xico morou em Natal Na praia de Areia Preta Naquele belo local Talhando as suas imagens Recebendo as homenagens De artistas da capital.	Vou falar da sua arte Sua eterna companheira Gostava de trabalhar Qualquer tipo de madeira E o seu instrumental Era simples e banal Se comprava em qualquer feira.	E o grande artista se foi Suas imagens deixando Deixando suas estátuas E os filhos continuando Seu trabalho de escultor Com talento e com valor Seu nome perpetuando.
No lugar Lagoa Seca Onde algum tempo morou O Padre José Marim Sua arte estimulou Consertou santo de igreja Com sua mão benfazeja Obras de arte entalhou.	Sua arte foi conhecida Divulgada nos jornais Sua casa visitada Pelos intelectuais Gente ilustre da cidade E até da Universidade Lhe apoiaram até demais.	Usava um bom canivete Serrote, enxó, furador, Compasso, cola e esquadro Nessa arte era doutor A madeira dura e fria Da sua mão renascia Num Cristo Nosso Senhor.	Do nosso Estado é a glória Entre os artistas primeiro Honra a nossa tradição Perante o Brasil inteiro Sua história já contei E assim homenageei O grande Xico Santeiro.

# Um provinciano incurável

*Mon pays entier vit et pense en mon corps...*

VERHAEREN

Nasci na Rua das Virgens e o Padre João Maria batizou-me no Bom Jesus das Dores, Campina da Ribeira, capela sem torre mas o sino tocava as Trindades ao anoitecer. Criei-me olhando o Potengi, o Monte, os mangues da Aldeia Velha onde vivera, menino como eu, Felipe Camarão. Havia corujas de papel no céu da tarde e passarinhos nas árvores adultas, plantadas por Herculano Ramos. Natal de noventa e seis lampiões de querosene. Santos Reis da Limpa em janeiro. Santa Cruz da Bica em maio. Senhora d'Apresentação em novembro. Farinha de castanhas e carrossel. Xarias e Canguleiros. Natal que se apavorou com o holofote, enchendo as igrejas de bramidos e arrependimentos. Auta de Souza embalou-me o sono. Pedro Velho pôs-me na perna. Vi Segundo Wanderley declamar. Ferreira Itajubá cantando. Alberto Maranhão passeando a cavalo, manhã do Domingo. Tinha treze anos quando veio a luz elétrica. Festas no Tirol. Violão de Heronides França. Livros. Cursos. Viagens. Sertão de pedra e Europa.

Nunca pensei em deixar minha terra. Queria saber a historia de todas as coisas do campo e da cidade. Convivência dos humildes, sábios, analfabetos, sabedores dos segredos do mar, das estrelas, dos morros silenciosos. Assombrações. Mistérios. Jamais abandonei o caminho que leva ao encantamento do passado. Pesquisas. Indagações. Confidências que hoje não têm preço. Percepção medular da contemporaneidade. Nossa casa do Tirol hospedou a Família Imperial e Fabião das Queimadas, cantador que fora escravo. Intimidade com a velha Silvana, Cebola Quente, alforriada na Abolição. Filho único de chefe político,

ninguém acreditava no meu desinteresse eleitoral. Impossível para mim dividir conterrâneos em cores, gestos de dedos, quando a terra é uma unidade com sua gente. Foram os motivos de minha vida expostos em todos os livros. Em outubro de 1968 terei meio século nessa obstinação sentimental. Devoção aos mesmos santos tradicionais.

Meu povo tem a mesma idade para o interesse e a valorização afetuosa.

Dois homens quiseram fixar-me fora de Natal: - Getúlio Vargas no Rio de Janeiro e Agamenon Magalhães no Recife. Jamais os esquecerei, porém nada pedira. Alguém deveria ficar estudando o material economicamente inútil. Poder informar dos fatos distantes na hora sugestiva da necessidade.

Fiquei com essa missão.

Andei e li o possível no espaço e no tempo. Lembro conversas com os velhos que sabiam iluminar a saudade. Não há um recanto sem evocar-me um episódio, um acontecimento, o perfume duma velhice. Tudo tem uma história digna de ressurreição e de simpatia. Velhas árvores e velhos nomes, imortais na memória.

Em 1946, fiz parte de uma comissão enviada pelo Ministério das Relações Exteriores ao Uruguai. Éramos três: Aloísio de Castro, Angione Costa e eu, único sobrevivente.

Voltando, contou-me Aloísio de Castro que Afrânio Peixoto, sabendo da expedição cultural, dissera, num leve riso - "E ele deixou o Rio Grande do Norte? Câmara Cascudo é um provinciano incurável!"

Encontrara meu título justo, real, legítimo.

**PROVINCIANO INCURÁVEL!**

Nada mais.

*Luis da Câmara Cascudo*



20  
Anos

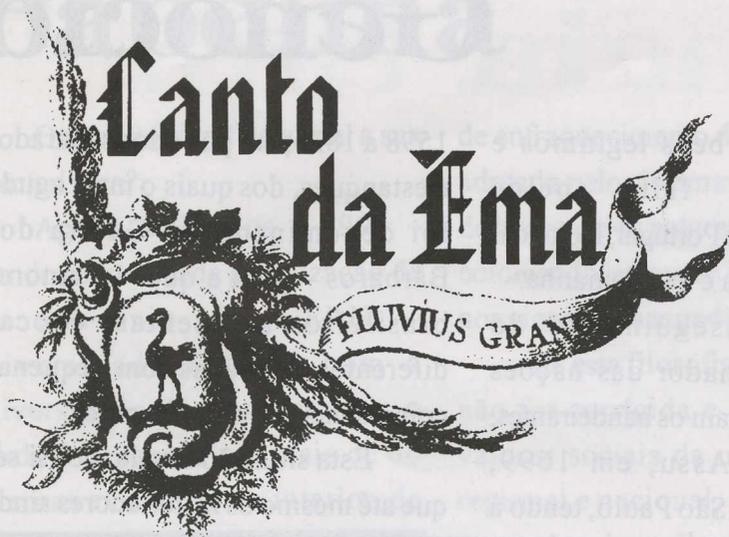
**GRUPO DINÂMICO**

ORGANIZAÇÃO: JOSÉ HENRIQUES BITTENCOURT

Curso Dinâmico  
Pré Vestibular  
Rua Apodi, 243 - Fone: 211-8508

Colégio Dinâmico  
Ensino Médio e Fundamental  
(1º a 2º Graus)  
Rua José de Alencar, 818  
Fone: 222-0992 - Cidade Alta

Centro Dinâmico de Educação  
Educação de Jovens e Adultos  
Av. Deodoro, 817 - Fone: 221-1169  
Cidade Alta



## LIMITE AZUL

*Natal-terra do sol  
berço amado de Poti  
paisagem que o Potengi  
com suas águas batiza.*

*Este meu canto harmoniza  
versos, glória, tradição  
que meu peito em canção  
vai ao mundo sideral.  
Qual barreira infernal  
os seus foguetes lançando  
a terra vai conquistando  
no seu limite azul.  
E já distante do sul  
da América se fez ouvida  
a minha terra querida.  
Natal, berço e escudo  
do folclorista Cascudo  
que a esta terra deu luz.  
Meu canto de praia do forte  
meu chão, meu rumo, meu norte  
é berço que me seduz.*

Ana Lúcia de Souza.

## TERRA MATER

*Natal é um vale branco entre coqueiros:  
Logo que desce a luz das alvoradas,  
Vão barra a fora as velas das jangadas,  
Cessam no rio as trovas dos barqueiros;*

*E à tarde, quando os rudes jangadeiros  
Voltam da pesca às praias alongadas,  
Começa à sombra fresca das latadas  
A palestra amorosa dos solteiros.*

*Quantas belezas mil Natal encerra!  
Deu-lhe a Natura um mar esmeraldino,  
Despiu-lhe o morro, aveludou-lhe a serra...*

*Terra de minha mãe, bendita seja,  
Orvalhada do pranto cristalino  
Da saudade das moças sertanejas!*

Ferreira Itajubá



Ilustração: Newton Navarro



Praça Tomaz de Araújo, S/N - Centro - Natal/RN - CEP: 59025-080 -  
Tel.: (084) 211.5577 - FAX (084) 211.4932 - Cx. Postal 616 -  
CGC: 33.469.164/0090-97

## Genocídio

Os jovens, adultos e crianças deste final de século, ainda não tiveram a oportunidade de conhecer a realidade da história do índio ou homem primitivo que fez o Rio Grande do Norte e a maior parte deste país, antes, durante e depois dos portugueses.

Em todo o decorrer dos cinco séculos de Brasil predominou a determinação mesquinha, racista, burguesa, desumana e anti-social dos europeus e brasileiros contra os povos nativos que deram início à coletividade brasileira.

Isto parece um absurdo histórico, nos dias atuais – para quem considera indispensável, a necessidade de análise sobre a evolução do homem no tempo e espaço de sua vida, com o fim de conhecer o seu presente e futuro, como efeito do passado.

Este absurdo se confirma na teoria e prática, com o fato do índio ter sido exterminado do velho Rio Grande, após haver enfrentado os invasores de suas terras, rios, lagos, riachos, tribos e todos os seus bens de sobrevivência, conquistados e adquiridos quando não havia outros ocupantes da natureza.

Em consequência disso – somos, atualmente, o único Estado brasileiro sem a presença dos indígenas que restaram a este país, após os 500 anos de resistência, lutas e guerras, das quais o maior conflito ocorreu, exatamente no território potiguar, a partir de 1598, quando foi sentida a perda

total dos seus bens legítimos e verdadeiros, feita pelos colonizadores de Portugal, Holanda, França, Espanha e da Alemanha.

No prosseguimento do processo dizimador das nações indígenas, surgiram os bandeirantes, sediados no Assu, em 1699, procedentes de São Paulo, tendo à frente o mestre-de-campo Manoel Alvares de Moraes Navarro, com o título de Governador Geral da Campanha Contra os Índios, desde o rio S. Francisco até o Ceará, segundo a designação feita por Dom Pedro II, através do governador geral João Lencastro.

Antes, porém, o Capitão Domingos Jorge Velho – outro bandeirante famoso no morticínio de índios e negros, andou pelas serras de Acauã, no Seridó /RN, onde aproveitou-se de uma fuga dos selvícolas às cavernas das serras e matou à traição, cerca de 2 mil nativos.

No início de 1598 – quando Manoel Mascarenhas Homem foi designado para construir no Rio Grande o forte dos Santos Reis, hoje Reis Magos, houve a matança de índios defensores de suas terras, incentivados pelos franceses que roubavam o pau brasil do litoral potiguar.

Os fatos da história assinalam, portanto, que o genocídio dos índios, neste Estado, foi realizado no decorrer de quase três séculos, de

1598 a 1825, em períodos separados e estanques, dos quais o mais agudo foi denominado de Guerra dos Bárbaros – para a qual 16 autores brasileiros apresentam épocas diferentes e variadas com pequenas coincidências em alguns casos.

Esta situação revela, por si só, que até mesmo os historiadores ainda



Com estes instrumentos, o homem primitivo marcou desde o período paleolítico.

não conseguiram estabelecer a definição exata para esses episódios de significativa importância para o Brasil e, especialmente o Nordeste, no plano histórico, cultural, sociológico e político.

Hoje em dia, após 400 anos, infelizmente, assistimos à desvalorização, abandono e negação das origens norte-rio-grandenses no tocante, talvez, ao seu patrimônio pré-histórico, onde reside a base da pretensa cultura e civilização absorvida pela coletividade.

## Pabeima

O que isto significa e qual a sua característica?

Agora, voltamos a 1993 – quando foi recusada a realização de um convênio da UFRN – Universidade Federal com a Universidade de Londres para o estudo e pesquisa, em mais de 60 cavernas existentes no interior, de

de enfraquecimento da coletividade, adotada pelo sistema de exploração do homem e da natureza, oriundo dos colonizadores que se transformaram nos gigantes da mundialização.

Se esta filosofia de orientação não for corrigida e adequada aos valores sociais da unidade local, regional e nacional, certamente as gerações de mulheres e homens – vão continuar no caos ou na miséria da ignorância em que vivemos neste final de século.

Na condição da inocência atual e inexplicável, as crianças, jovens e adultos do século 21, certamente terão a preferência, assim como tiveram os nossos índios, pela opção de reagir até a morte sobre a história que se repete na dimensão do tempo.

Apesar de tudo isto – sabemos e temos a certeza de que o homem coerente, digno, solidário e responsável não se troca, nem se vende pela inércia, mas assume o seu papel de autor e transformador da história.

No infinito ou pabeima – tupi da humanidade em que estamos inseridos – o homem da caverna evoluiu para a civilização, recusando-se, com raras exceções, de voltar às suas origens e, portanto, ter orgulho, a felicidade de ser o ponto de maior referência do universo.

**Pabeima = infinito, na língua Tupi**

*Arlindo Freire\**

*\*jornalista e sociólogo pela UFRN*



*a sua presença no Rio Grande do Norte,*

onde não se tem conhecimento sobre o que elas representam para o campo das ciências sociais.

Por este motivo – comprova-se que na linha do tempo, desde 1598, os índios, seus descendentes e resquícios, apesar da grande resistência com a guerra e paz, permanecem sob o processo da dizimação, até mesmo depois de sua extinção física ou corporal, feita pelos civilizados do passado e do presente.

Esta situação, talvez seja provocada ou o resultado da política



*O homem pré-histórico também deixou seus desenhos na face das pedras, a exemplo deste, no Acari-copiado em 1927/28 por José de Azevedo Dantas.*

# A influência tupi

Quase todo nordeste e boa parte do Norte e Sudeste brasileiros foram antes do nosso descobrimento e por muito tempo depois, territórios da grande nação indígena Tupi. Daí não causar estranheza que o mapa geográfico do Rio Grande do Norte esteja repleto de topônimos de origem Tupi. Procurar o significado desses nomes é tarefa tão agradável quanto surpreendente pela sonoridade e beleza que cada palavra decifrada contém. A influência começa nas denominações de municípios do Estado: Acari vem de guaraci e é o nome de um macaco e de uma planta; por corrupção fonética é o nome que muitos dão ao cascudo (peixe); Açu vem de assu, grande; Angicos, anjyca, é uma acácia; Apodi, a-poty, terra florida; Arez, de aré, vagaroso; Caiçara, caá-yssá, significa cerca de ramos; Caicó, caicó, roça da queimada; Canguaretama, güer-etama, região das ossadas; Caraúbas, de carayba, nome de uma planta, Guamaré, guamá-r-y, rio do guamá (peixe coelho); Ipanguassu, upa-guaçu, lagoa grande; Ipueira, de Y-pueira, rio estreito, Itajá vem de tajaá, raiz da tajoava, planta com folhas comestíveis; Itaú vem de itá-y, rio das pedras; Jaçanã é um pequeno

pássaro; Jandaíra, nome de abelha ou jandai-eira, mel de jandaia, janduis, nhandu-í é uma aranha, porém o nome foi dado em memória da tribo Nhanduí, que habitou a região; Japi é uma ave; Jucurutu é uma espécie de coruja; Macaíba vem de macayba, nome de uma palmeira; Maxaranguape, de massará e guá,



enseada dos massarás (armadilha de peixes); Mossoró, de mo-ssoroca, erosão; Paraná é parente de mar, Paraú, de para-una, rio negro; Pamamirim, de paraná-meri, rio pequeno; Patu é um neologismo tupi com influência portuguesa e significa pato; Taipu, it-upu, fonte da pedra; Tangará é nome de

pássaro; Tibau vem de t'ybá-y, rio das frutas; Timbáuba é uma certa planta leguminosa; Umarizal também uma planta vem de umari e Upanema, upanema, significa lagoa fedorenta.

Ceará-Mirim ou Ceará miri é Ceará pequeno (referência ao rio que banha a cidade); o topônimo ceará se originou do dialeto carri ce-ará, onde ce significa classe superior e ará, homem. A cidade de Cerro Corá recebeu o nome em homenagem à batalha de Cerro Corá, no Paraguai, onde morreu Francisco Solano López, vem do neologismo guarani corá, cujo significado é curral; Itaretama, hoje incompreensivelmente Lajes, vem de itá-etama região das pedras.

A influência do idioma Tupi é presente também nas denominações de rios, lagoas, aldeias e praias; Araraí vem de arara-y, rio das araras; Caraú, de acará-u, comedouro de acarás (peixe); Igapó significa mata inundada; Jacumã é o leme da canoa; Japi é uma ave que imita o canto dos outros pássaros; Jenipabu, de janytab-y, rio do jenipapo (fruta); Jundiá, vem de jundiá-y, rio de bagre (peixe); Papari, de upa-pari, barragem ou pesqueiro da lagoa; Pirangi vem de Pirã-y rio das Piranhas; Tabatinga, de tabatinga, aldeia onde as casas são caiadas; e Trairi, de tarair-y, rio das traíras.

O vocábulo Potiguar, que identifica os norte-rio-grandenses, é originário de poti-guara, que, traduzido literalmente, significa comedor de camarão.

*José Narcélio Marques Sousa*



**Galvão Mesquita Ferragens LTDA**

Ferragens, Ferramentas, Material Elétrico, Aços Redondos, Tubos e Conexões Plásticas, Galvanizadas e em Ferro (Barbará), Chapas, Barros e Cantoneiras em Ferro, Soldas Elétricas, Cabos de Aço, Sisal e Polieteno

Tel.: (084) 211-5180  
Fax: 222-1500

Rua Dr. Barata, 217 - Natal-RN

**A MELHOR QUALIDADE  
A MELHOR IMPRESSÃO**

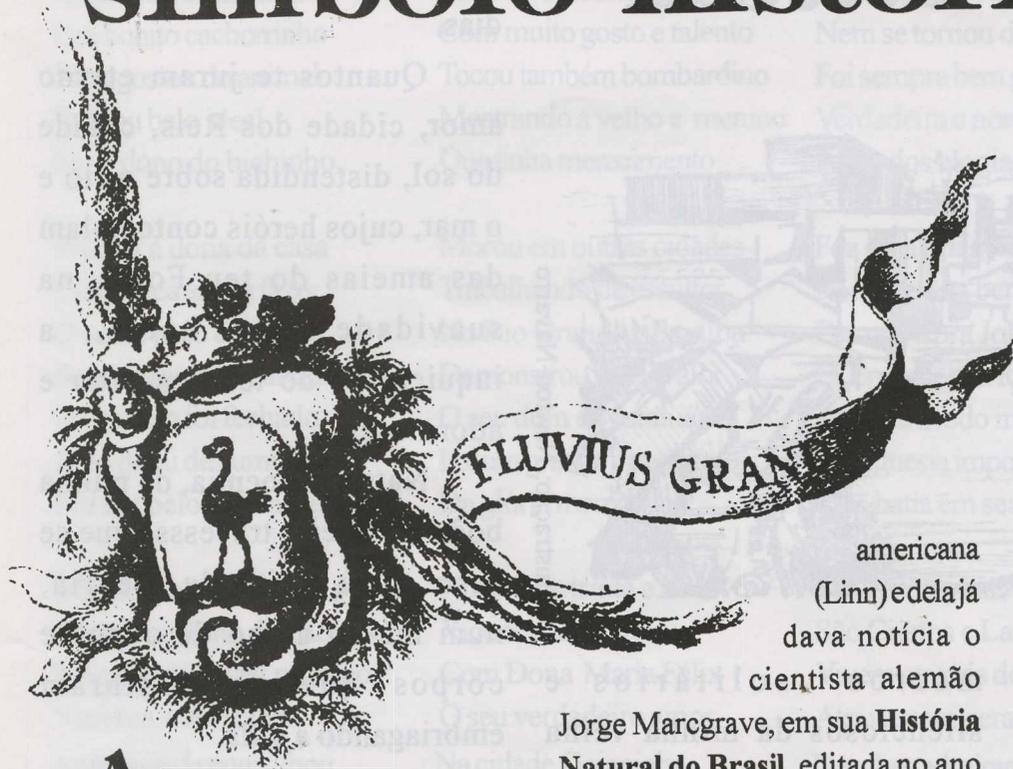
Livros, Revistas, Jornais, Panfletos  
Cartazes, Senhas, Folders...

**222-5248**

**Offset**  
GRÁFICA

Av. Duque de Caxias, 209 - Ribeira

# A ema, símbolo histórico-RN



descrição feita por Gaspar Barléu (história dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil), a província do Rio Grande “tinha por armas um rio, em cujas margens pisava uma *ema*, por ser ali maior a abundância dessa ave”. Os referidos brasões foram gravados por escultores holandeses, em sinetes de prata,

americana (Linn) e já dava notícia o cientista alemão

Existe também uma outra descrição do brasão concedido ao Rio Grande: “Em campo azul com a *ema* ao natural, à margem de um rio de prata e a estrela mural. Mote: *Velociter*”.

Infelizmente, os bandos de *ema*, outrora tão encontrados na paisagem norte-rio-grandense, desapareceram deixando apenas a sua vivaz memória junto à tradição popular...

Quando será que tornaremos a encontrar a presença das *Rhea Americanas*, vagando pelos nossos sertões?...

*Olavo de Medeiros Filho*

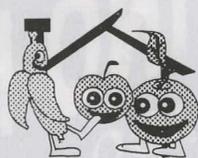
Jorge Marcgrave, em sua *História Natural do Brasil*, editada no ano de 1648. Os indígenas tupis davam à referida ave, a denominação de Nhanduguaçu. Ainda, segundo Marcgrave, a *ema* “é encontrada em grande número nos campos da Capitania de Sergipe e Rio Grande, mas não em Pernambuco; sua carne é boa para se comer...”

No ano de 1638, encontrando-se o Nordeste sob o domínio holandês, o conde João Maurício de Nassau criou para cada província do Brasil holândes, o seu respectivo brasão. Segundo

A *ema* povoa os campos e cerrados do Brasil. A referida ave apresenta o dorso de coloração bruno-cinzenta, mais clara na parte inferior, possuindo três dedos nos pés. Vivendo em bandos de cerca de 50 animais, a *ema* alimenta-se de frutas e grãos, além de devorar animais de pequeno porte. Cabe aos machos a tarefa de chocar os ovos. Chegando a atingir 1.30m de altura, a *ema* alcança alta velocidade, ao correr.

A *ema* que habita o nordeste brasileiro, pertence à espécie *Rhea*

## A Ki-Tanda



A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2703 Lagoa Nova - Natal/RN  
Telefrutas: (084) 231-0715 Telefax: (084) 206-5612

## CASA DO PEIXE LTDA



Camarão, Peixe, Lagosta,  
Carne de Caranguejo,  
Marisco, Ostra e Etc.



Ney Aranha Marinho Júnior  
Sócio Gerente



Rua São João, 4 (Canto do Mangue) - Rocas - Natal/RN  
Tel.: (084) 221-4917/982-2085

# Ode a Natal

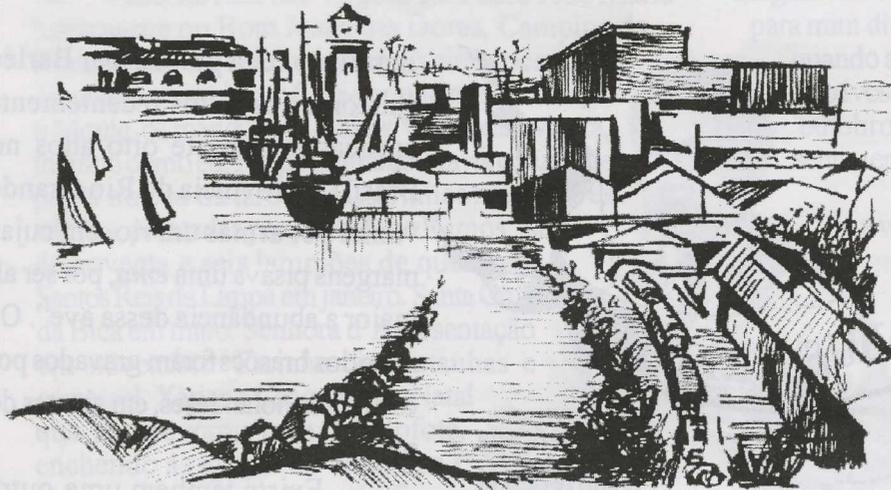


Ilustração: Newton Navarro

**N**atal, quantos te exaltam  
acalentando o teu sono de  
menina - moça.

Quantos se debruçam  
na pedra escura do teu cais,  
porto de recordações,  
jogando tristezas na esteira  
o azul do rio.

Quantos percorrem  
ruas e praças, becos e vielas,  
na relembração de uma longa  
infância.

Quantos lançam o  
perdido olhar sobre os

morros solitários e  
silenciosos da minha velha  
Redinha, no estendal de suas  
redes, no vôo ilimitado de  
andorinhas que buscam  
horizontes.

Quantos, tomados de  
lembranças, tangem cordas da  
viola noite a dentro, povoando  
bares e botecos da cidade que  
dorme, ao acalanto de  
corações ávidos de boemia.

Quantos ausentes choram  
o pranto angustiado da saudade

no desejo de te abraçar, viver e  
te sentir em toda plenitude dos  
dias.

Quantos te juram eterno  
amor, cidade dos Reis, cidade  
do sol, distendida sobre o rio e  
o mar, cujos heróis contemplam  
das ameias do teu Forte, na  
suavidade das horas, a  
inquietação do teu despertar e  
adormecer.

Natal da boemia, da minha  
boêmia, ribeira travessa que se  
veste à noite de alegria,  
num mútuo afago de copos e  
corpos que se misturam  
embriagando a vida.

Natal do bumba-meu-boi,  
chegança, araruna, pastoras tão  
belas, colorindo nas noites,  
vestidos tão simples formando  
aquarelas.

O galo altaneiro da torre da  
igreja saudando a Cidade e o rio  
de águas tão mansas, guardando  
lembranças em forma de  
saudade.

Natal, aterna Natal.

*João Alfredo.*

Deputado

Valério Mesquita

1998  
50º Aniversário de  
Fundação Câmara Cascudo



**AQUINO NETO**  
DEPUTADO ESTADUAL  
**45-610**

# Tomás Salustino e o Le Monde Marche

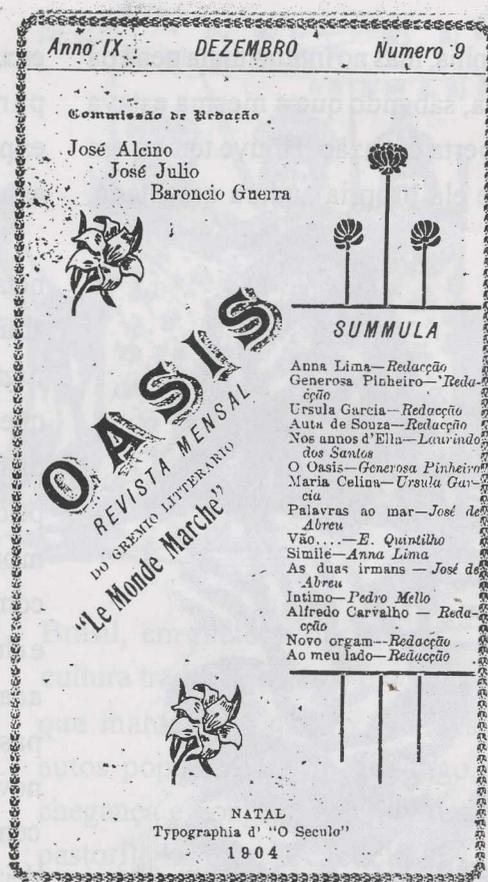
O Grêmio Literário "Le Monde Marche" foi fundado no dia 9 de setembro de 1894 por um grupo de jovens em sua maioria estudantes do Atheneu Norte-Rio-Grandense.

O jornal *Oásis*, quinzenário "literário e noticioso", órgão de divulgação da agremiação, circulou de 15 de novembro de 1894 a 27 de setembro de 1902.

Depois de uma paralisação de três meses o *oásis* voltou a circular em janeiro de 1903, em formato de revista mensal, tendo o último número sido distribuído em dezembro de 1904 quando o grêmio se dissolveu.

O ingresso de Tomás Salustino (1880-1962) na agremiação ocorreu no dia 7 de janeiro de 1903 em sessão ordinária que empossou a nova diretoria para o período de janeiro a junho do corrente ano, sob a presidência de Galdino Lima.

No dia 12 de fevereiro, Tomás Salustino foi eleito orador do grêmio em substituição ao sócio Pedro Melo, tendo sido reeleito para a função no dia 12 de julho para período de junho



Última publicação da revista Oásis

a dezembro, saudando na oportunidade o jovem Tarquínio Seabra, aceito sócio efetivo.

Sua permanência como orador se deu até o dia 17 de janeiro de 1904 quando foi escolhido para formar a comissão de redação juntamente com Barônio Guerra

e João Cância, sendo substituído por Galdino Lima.

No dia 10 de julho de 1904 o *Le Monde Marche* realizou sessão ordinária, tendo, entre outras deliberações, decidido reverter para a "classe dos correspondentes" em Currais Novos o sócio Tomás Salustino que viajaria em breve para aquela cidade.

Sua participação na revista *Oásis* foi iniciada no número 4, abril de 1903, com a publicação do soneto "*Paixão e Tolerância*", seguido de "*Alma Inerte*", abril, e *Sós na Relva*, no número 6, junho do mesmo ano.

Em prosa Tomás Salustino publicou apenas dois trabalhos: "*14 de julho*", editorial do nº6, junho de 1903, e *cartas Soltas* escrito em Currais Novos quando gozava as férias de meio de ano e dirigida para seu amigo Silvino Neto.

João Gothardo Dantas Emerenciano.

## SEBO CATA LIVRO

Compra, venda e troca de livros, discos, cd's, videos e cassetes usados



Matriz na Rua da Conceição, 617, Filial na Vaz Gondim, 816, Centro-Natal

VEREADOR  
**Juliano Siqueira**

MANDATO DEMOCRÁTICO POPULAR

PCdoB

# O drama de Matilde

**H**avia nove anos que a avozinha zelava por ela. Desde que Esmeralda, a mãe da pequena Matilde, se finara – coitada! – nos horrores do parto. Com carinho, mas cheia de preocupação, a velhinha fitava as rosadas faces da pequena, sua cabeleira dourada, de cachos luzidios e encaracolados, ornando-lhe a fisionomia agora pacífica, descontraída, isenta de medo, porquanto aliviada pelo sono suave, reparador. Naqueles últimos dias a menina tinha ouvido coisas, à noite. Rumores, passos andando pela casa, mãos sorrateiras mexendo nas gavetas, arrastando cadeiras, ágeis dedos tamborilando nas vasilhas, remexendo os talheres. E então ficara assustada.

–Gostaria que você parasse com isso, Matilde! – a avó lhe havia dito, em tom imperioso. – Não vê que essas coisas não existem?!

A pequena inclinara a cabeça, o corpo trêmulo, o olhar curioso, sem nada dizer.

Zefa Baú ralhara com a

menina, mas no íntimo tinha pena da neta, sabendo que a mesma estava coberta de razão. Houve tempo em que ela própria andara assustada,



sentindo a presença sobrenatural junto à casa. E há poucos dias, enquanto tecia o labirinto à luz da lamparina, pressurosa ela tinha

escutado ruídos e movimentos suspeitos, para os quais não encontrava explicação. Tudo aquilo também a assustava...Metia-lhe medo.

Ali junto da cama, observando a neta, Zefa Baú meditava, a respiração abundante descendo-lhe pelos vincos e rugas do rosto engelhado, pensando no que devia fazer para salvá-la dos delírios da febre, das convulsões provocadas pelo pânico. Naquela noite, e até aquele momento, vinha-lhe administrado compressas de água fresca nas fontes, e chá de camomila, bem tépido, afim de acalmá-la. A febre, contudo, não passava, e Zefa temia que a menina novamente fosse acometida de esgares, como no tempo em que, recém-nascida, deixara a vizinhança em polvorosa no correr dos três dias em que esteve a ponto de preceder a mãe na morada dos mortos.

Enquanto examinava e reexaminava a fisionomia da neta febril, Zefa Baú imaginava no que havia feito da vida. Sentia uma grande saudade de si mesma, uma indescritível compaixão por sua sorte avara. Havia envelhecido e nem percebera a

FAZER ACONTECER

**OLEGÁRIO**  
O FEDERAL DO PT  
**1320**

 **PSB**  
DEP. ESTADUAL

**Franklin Capistrano**  
Nº 40.200

passagem dos anos, virgem, como vivera, da ilusão de um simples sonho.

De repente algo estalou dentro dela e os seus pensamentos mudaram. Sua atenção voltou-se para os rumores ao redor da choupana. Logo ouviu pisadas entrando pela porta dos fundos, na cozinha. Por debaixo do sono, a neta também percebera. Teve um sobressalto, sacudindo-se no leito. O frêmito percorreu-lhe de cima abaixo o corpinho, estremecendo a cama.

Zefa Baú ficou paralisada, os músculos retesados, os pés parecendo de chumbo. Despertou do próprio terror por motivos ríspidos e rápidos dentro do quarto. Apreensiva e agitada, voltou a face lívida na direção da sombra delineada na parede da camarinha apenas iluminada pelos bruxuleios da mecha incandescente da lâmpada. Mais que ver e ouviu, sentiu a estranha aproximação. Um remoto instinto animal avisou-a de que algo de medonho estava acontecendo. Então tratou de proteger a pequena. Embora o medo retesasse seus membros, impedindo-lhe os movimentos, sabia ser capaz de desafiar o que viesse. Sentia uma respiração animal, um olhar penetrante em suas costas. Enchendo-se de coragem, voltou-se na direção de onde vinham as

pisadas, disposta a enfrentar o desconhecido. Mas ao se voltar pensou que ia morrer. Seu coração quis sair pela boca, batendo descompassado, ansioso, fremente.

Impedida de ver, Zefa Baú sabia que algo de anormal estava acontecendo sem que nada ela pudesse fazer. Num esforço supremo tentou gritar para pedir socorro. Seu grito estagnou-se, mudo, como uma nota ansiosa numa tecla prestes a ser tocada. Na garganta oprimida e compactada pelo pânico, o som emudecera sem conseguir transpor a cavema da boca entreaberta, aparvalhada.

Um instinto remoto, como só o possuem as mães das mães, dizia-lhe que a neta corria perigo, carecendo de proteção. Curvou-se sobre ela, cobrindo-a com o seu velho corpo, disposta a defendê-la à custa da própria vida. Seu coração batia, continha-se, descompassava e novamente voltava a bater. Seus pulsos latejavam, suas têmporas ardiavam. Uma dor aguda martelava-lhe o peito onde o coração de novo rateava, fremia, gritando, gritando, sem que fosse escutado e acudido. Somente ela própria podia ouvir os estrondos de sua pulsação nas artérias cerebrais, nos tímpanos, que ameaçavam estourar com a

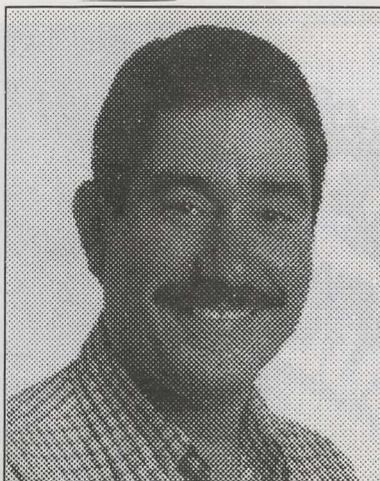
pressão descomunal do sangue sendo bombeado, fluindo e borbulhando nas veias.

-Ai, meu Deus! - gemeu Zefa Baú. - Sinto cá uma presença estranha, demoníaca, malévola... Valei-me, Santo Inácio! Acudi-me, Bom Jesus!

O quadro pavoroso não demorou a se manifestar por inteiro. Maciça, férrea, cabeluda e descomunal, a mão enfiou-se por baixo de seu velho corpo, e dali arrancou, como um brinquedo de plástico, a pequena Matilde. A avozinha foi tomada pelo horror. À pulsação imensa, seguiu-se a dor, o cansaço, o desfalecimento. Teve a impressão de que as paredes de seu cérebro derretiam como cera aquecida. Houve um tremeluzir, como o bater de asas de uma libélula. Depois o mundo se apagou. A anciã levitou, por instantes, num limbo de gelo, cercada pela escuridão. A treva penetrando na treva. A velhinha pronunciava palavras sem nexos. Dias depois emergiu daquele estado de prostração e de pavor. Deu em procurar Matilde atrás das portas. Mas a menina não aparecia.

Até morrer, Zefa jamais recobrou a razão.

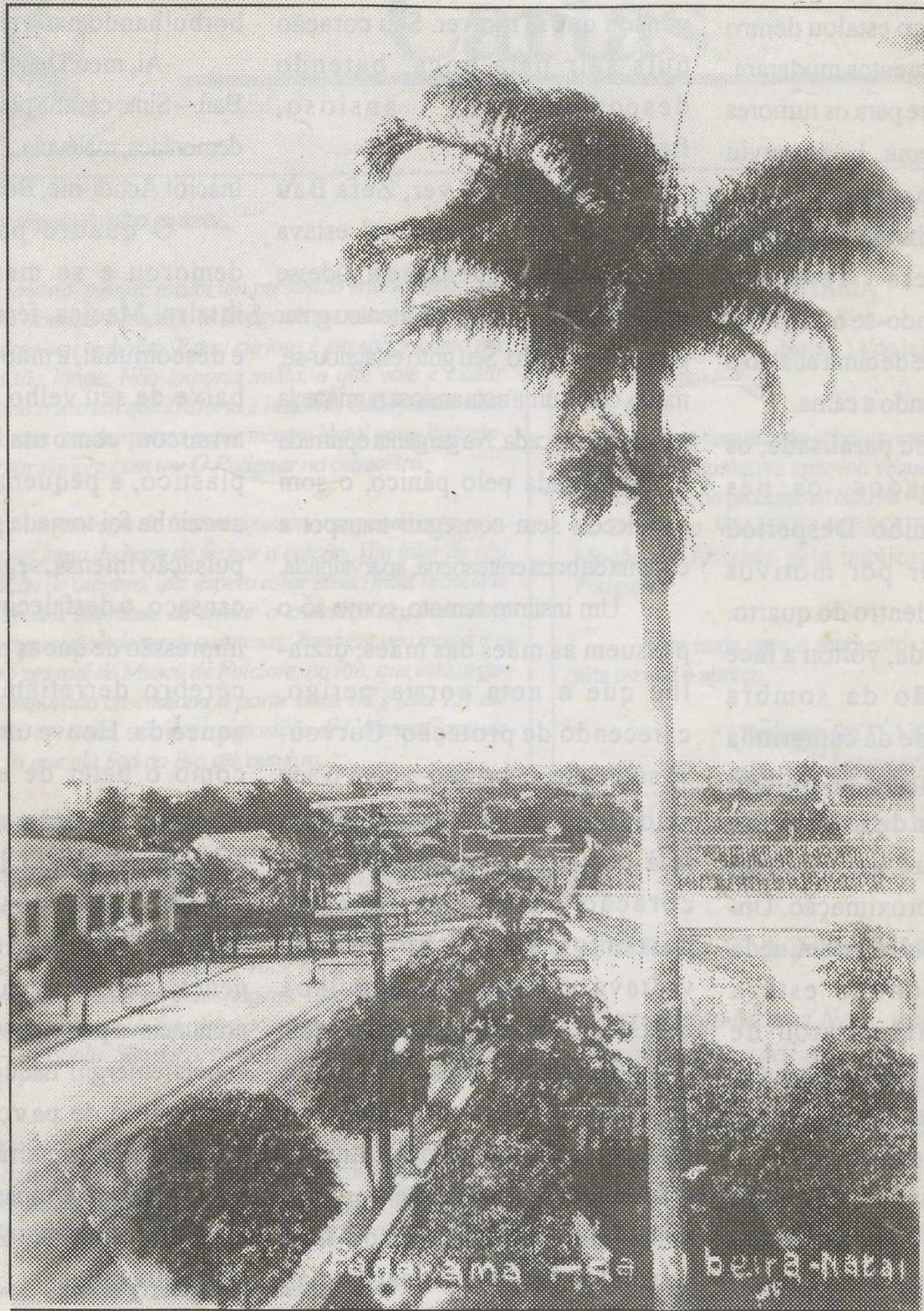
*Nilson Patriota*



**LUÍS DA CÂMARA CASCUDO**  
**1898/1998 ANO DO CENTENÁRIO**

**Wober**  
**UNIDADE POPULAR**

**MEU VOTO**  
**TEM FUTURO.**  
**DEP. ESTADUAL 15.123**



Avenida Junqueira Aires na década de 40.

**FERNANDO BEZERRA**

O SENADOR DE  
**GARIBALDI**

O SENADOR DA  
**CULTURA**

PMDB  
**15**